

O COSMÓGRAFO FERNAM VAZ DOURADO, FRONTEIRO DA ÍNDIA E A SUA OBRA ⁽¹⁾

Dadas as condições em que se encontram partilhadas as terras de Além-Mar, e quando no meio das aparências até de amizade, nos fere os ouvidos de que o pouco que nos resta de antiga glória e poderio, principalmente em África, não pode durar muito, é justo, não só justo mas urgente e inadiável buscar no estudo dos factos consumados os títulos imprescritíveis da continuidade do nosso direito a êsse pouco, mas ainda muito se o compararmos com o que têm a maior parte das nações, demonstrando assim perante a civilização e de uma maneira clara e documentada, que se não fôssem os audazes e scientificos cometimentos dos portugueses: — os fortes e os poderosos de hoje não teriam porventura sabido onde ficava a África, que, segundo diz dela Virgílio, foi rica de triunfos e sempre criou novidades, conforme ao dito vulgar dos Gregos, referido por Plínio.

Vivemos em um século, que parece ser o triunfo da humanidade, pois segundo usa dizer-se os povos unem-se, desaparecem os confins, as nacionalidades aproximam-se, a confraternização dos homens parece que se torna um dever, um problema resolvido.

Em suma, pretende-se que deva crescer o amor da humanidade sem restrições.

Mas a lógica dos factos desmente na prática esta preten-

(1) Conferência pronunciada na Sociedade de Geografia de Lisboa.

ção, porque nos chamados arautos dessas boas novas, ou nos bemvidos mensageiros dessa paz, falta alguma coisa: a sua inteligência obcecada com o interesse é fria como uma noite de inverno, o seu coração é gélido como o mármore de um sepulcro, precisamente porque não repousam na verdade, e fecham-se em um egoísmo feroz.

Os gemidos de compaixão, que saem de sua bôca para o humaníssimo fim de civilizar a África, a região misteriosa, que parece um enorme hieroglifo escrito sobre a terra. África a região das castas oprimidas e que conta hoje 109 milhões de habitantes negros, não falando de outros 26 milhões espalhados nas Américas e outras partes do mundo — logra hoje pela sua riqueza um privilégio singular porque os interessados convenceram-se, enfim, de que esse bravio território, tido e havido, qual horrído forno de cal, onde tostam raças primitivas como os negros, enceleira ubérrimos recursos ao comércio, e fornece amplíssimos espaços à civilização. E daí atrai a vista de todos quantos pensam e de todos quantos pretendem, no aparente dizer deles, educar o negro, afeiçoá-lo ao trabalho e iniciá-lo na civilização, com os direitos inerentes ao ser humano. Mas o que é a civilização? É esta uma das palavras, que é mais fácil empregar que definir.

O uso geral emprega-a significando a idea genérica de progresso, e melhoramento na conduta externa do homem como indivíduo, e nas relações sociais dos homens entre si.

Sciência, literatura, arte, comércio, indústria, leis, e instituições civis e políticas, — eis os principais factores deste produto denominado civilização.

Bem dita a civilização, que assenta nos firmes e eternos princípios da Moral e da Justiça — o edifício da prosperidade individual, doméstica e social, que em harmonia com o seu ideal verdadeiro manda melhorar o homem, melhorar o maior número, melhorar todos os homens.

Nada mais fácil que fazer uma ostentosa ennumeração dos direitos do homem e do cidadão, e declará-los garantidos; nada mais difícil, que o fazer que esta garantia não seja um fantasma mas uma realidade.

Portanto os gritos de dor pelos males que cercam a África e os seus habitantes Negros, são uma fraqueza, porque não têm por objecto o bem geral, e não passam de uma fraseologia pomposa, subordinada ao interesse, que fêz exclamar a Rousseau: «Estes humanitários amam os negros e não amam os seus vizinhos». E assim é, pois o dogma de sociologia dêsses corifeus formulado claramente em um livro se condensa nestas palavras, que merecem ser bem ponderadas:

«A tendência dos fortes de eliminar os fracos é o efeito de uma lei benéfica, da qual resulta o absorvimento dos fracos, a evolução da espécie e progresso da natureza; porque se se favorecesse o desenvolvimento dos fracos ir-se hia acabar na degradação humana».

Como se vê, com esta doutrina, vai-se directamente até à destruição dos fracos, dos pobres e dos pequenos, que não são só pretos, decretada como necessidade da vida e do progresso.

E ao mesmo tempo, que fazem intensa propaganda dessa doutrina e quando tudo anda periclitante e convulsionado, ouve-se freqüentemente nos grandes órgãos da Imprensa estrangeira, como se pusessem em almoeda estimulando competidores, o seguinte brado: «A África será de quem souber conquistar a simpatia do Africano».

Ora se o enunniado dêste brado é verdadeiro, isto é, se a sciência de saber conquistar a simpatia do africano é o título de habilitação para possuir a África, manda a coerência que o diga, a nenhuma outra nação cabe êsse titulo senão à Nação Portuguesa, que pela sua característica fundamentalmente cristã e humanitária soube conquistar há muito essa

simpatia do africano, levando-o de estação em estação até dar-lhe o fôro de cidadão como em país civilizado de longa data, a ponto de os africanos reclamarem a protecção portuguesa, e repelirem afincadamente outra qualquer.

Percorramos a África em tôdas as direcções, atravessemos os caminhos invios das suas florestas, penetremos nos seus adustos areais, e marchemos até ao interior; em tôda a parte onde um ser humano respire, por selvagem que seja, encontramos os indeléveis vestígios da benemérita passagem dos portugueses.

Estamos em uma época extranha, verdadeiramente dolorosa. Tudo hoje é confuso, tudo se põe em questão. E isto succede no meio de um dilúvio de ideas as mais extravagantes, de doutrinas as mais perigosas, de utopias as mais deploráveis.

Para se opor um dique a essa corrente devastadora, que complica tudo, enreda tudo, e confunde tudo, é necessário que nós nos encontremos firmes e fortes. Mas para que sejamos fortes é indispensável que estejamos unidos, mostrando a armadura da antiga fraternidade orgânica da família portuguesa, que dantes tinha tanta coesão, e tanta constância entre nós, e simbolizava a nossa pedra filosofal em tôda a sorte de perigos, opondo assim aos planos absorventes das ambições estranhas, que, tirando todo o partido de nossa divisão intestina contam, embora paulatinamente chegar ao fim do seu ambicionado caminho.

Para encontrarmos, pois a calma precisa que falta hoje é indispensável construir tudo, não tanto em palavras, como em factos.

Os factos falam mais alto, que tôda a eloquência da palavra humana.

É hoje muito preconizado o método analítico, o processo indutivo, que partindo da observação dos factos e fenómenos, se eleva à concepção das leis e dos princípios.

Pois é este o caminho que seguirei, e abrindo o grande livro dos anais do género humano, a contar das descobertas, conquistas e explorações portuguesas, apontar-vos hei os vestígios indeléveis e luminosos da sua influência benéfica através dos séculos, — efeito, que denota uma causa sobre-humana, virtude que só se explica por um objectivo imensamente grande.

Aqueles que têm até agora duvidado da scientifica e civilizadora acção portuguesa em África, render-se hão por ventura à autoridade humana e ao testemunho insofismável da história, que sendo mestra da vida, é verdadeira, clara, breve e elegante; tanto mais que a história da epopeia portuguesa é a história da verdadeira civilização da humanidade. E, daí como a história se não improvisa, vou fazer a resenha desses factos dignos de estimação e de perpétua notícia — resenha que na carência de outro merecimento, não deixará de ser oportuna, e servirá de insofismável resposta a todos aqueles que, para fins nem sempre confessáveis, procuram deprimir o valor das explorações portuguesas em África, afirmando com a sua habitual maledicência e capciosamente, que essas explorações foram meras emprêsas de aventuras sertanejas e de mercantilismo, — de nenhuma utilidade para a sciência.

Quando Demóstenes, num dos seus mais célebres discursos, disse que estava na natureza do homem escutar com prazer a acusação e a injúria, e não suportar, senão com custo, a apologia e o louvor, mostrou que tinha um conhecimento profundo do coração humano — pois não há paixão mais baixa, nem mais depravado gosto que o da maledicência, contra a qual as Sagradas Letras, mais repetida e mais enèrgicamente se pronunciam, denunciando os maldizentes, como abominação dos homens e comparando a sua língua à venenosa serpente, que morde sem estrépito.

A experiência é uma escola onde as lições custam caro; mas é a única em que podemos aprender e tirar dela muito proveito, pela circunspecção e maior cuidado até nas cousas de menor importância; porque como acontece, quando menos se espera, um leve descuido pode produzir um grande mal, mormente hoje, que a corrente de descrédito se alastra prodigiosamente.

Não podemos nem devemos portanto perder tempo com estéreis discussões, quando se trata de um grave e momentoso assunto, pois está escrito — «*Emquanto se discute em Roma, Sagunto é tomada pelo inimigo*» — «*Dum Romae consulitur Saguntum expugnatur*». E, bem diz o prolóquio: «Em tempo de guerra não se limpam armas».

Nunca se observa melhor o valor e a robustez de um povo, do que nesses momentos supremos em que corre grave risco a sua existência, — em que um grande perigo o espreita, ou um grande inimigo o empolga. Se em tais lances é insensível, está perdido, irremissivelmente perdido, porque assim como nas pessoas o perdão é a mais nobre das vinganças, nas nações a desafronta é a mais imperiosa das virtudes.

Motivos que farte de angustiosa aflicção tem, de-certo em nossos dias tido a Pátria Portuguesa; mas a par, quantas consolações! Quantas esperanças! Quantos triunfos!

A ambição não cessa de minar os alicerces, e aluir os esteios do nosso secular domínio ultramarino.

Mas que importa? Quanto mais audaz e ameaçadora é a atitude dos adversários, mais viva resplandece a resistência, mais corajosa surge a dedicação, mais ardente se inflama o patriotismo na justa defesa do nosso ávito e inalienável património.

Tive em vista primeiro que tudo, e acima de tudo estabelecer sólidamente os princípios, e não somente refutar as objecções já discutidas e possíveis; porque logo que se

esteja firme naqueles, cai por si o êrro nas suas mil formas.

O pensamento fundamental dêste meu modesto estudo é resumir num quadro breve e animado, com traços vigorosos, o engenho com que os portugueses a partir do século xv contribuíram pela sua capacidade científica, e especial, a solucionar muitos problemas difíceis, provocando a admiração de todo o mundo, — quadro das gloriosas tradições passadas jogando com aspirações futuras, onde a vista espiritual alcance sem fadiga a sucessão das fases diversas da civilização, e não se esqueça de recordar com gratidão que o máximo serviço feito ao mundo, que era velho e não se conhecia, fizera-lho Portugal, e que o génio português arcou com as fôrças da natureza, para as subjugar e fazer servir aos destinos da humanidade.

E, faço esta evocação com o maior desvanecimento, avivando a lembrança de um glorioso passado, que não obstante às invejas e ingratidões preconiza um futuro cheio de esperanças.

Vou pois abordar o assunto, não como um entendido, que procura outro entendido, e que sôbre o assunto com êle estabelece controvérsia, discutindo bases sôbre as quais deve assentar a veracidade dos factos consumados.

Eu bem sei, que êsse trabalho é árduo e superior às minhas fôrças, não pela sua aridez, mas, ao inverso, pela sua mesma superabundância. Mas não podia esquivar-me ao honroso convite, que nas condições especiais em que se realizou, para eu ser um dos conferentes da «Semana das Colónias» e que teve para mim o alto significado de fôrça e de uma ordem da Ilustre Direcção da Sociedade de Geografia — benemérita instituição que há mais de meio século, tão alto e tão patriòticamente, interessando o público nas questões que se prendem com o desenvolvimento das nossas colónias, tem sabido elevar o nome de Portugal, perante na-

cionais e estrangeiros — deu-me a coragem necessária, sem me iludir sôbre as dificuldades da empresa, nem sôbre os requisitos que me faltam, para o desempenho dessa ordem, a fim de, com tenacidade, entregar-me ao grato trabalho de estudar no severo livro da História tôdas as justas referências aos altos feitos portugueses, que são a valiosa caução do seu futuro, pois, essas referências representam para nós um protesto enérgico e constante, contra os que pretendendo rasgar da história dos povos as páginas da epopeia portuguesa, dolosamente dizem que a Portugal não pertence o mínimo quinhão na civilização e exploração da África. E assim fui entesoirando alguns valiosos depoimentos, que não só estabelecem a indiscutível prioridade das antigas e científicas explorações portuguesas, que denotando a organização com que foram executadas, conseguiram achar as coordenadas geográficas de diversas regiões, podendo desta forma rectificar as cartas geográficas: mas ainda reivindicar uma documentação de alto valor, para em todo o tempo se poder redarguir e contrapor às estranhas pretensões. E para mais vem lançar ampla e nova luz sôbre os pormenores de capital importância, que se ignoravam da vida do célebre Fernam Vaz Dourado — o qual com a sua prodigiosa obra modelarmente facetada em mais de um ramo do saber humano, isto é, do famigerado cosmógrafo, personificada no seu *Mappa-mundi*, do intrépido guerreiro, mencionada com louvor no segundo cêrco de Diu, onde foi uma das vítimas da explosão do baluarte S. João e queimado nas pernas, e finalmente de descobridor e primeiro explorador do território junto do rio Gabão, veio sobredoirar o luminoso círculo de sua benemérita passagem por êste mundo.

Fernam Vaz Dourado é um nome, que não pode, nem deve passar sem o devido registo, pois por si só evoca com a maior admiração os tesoiros de sua muito elucidativa e imperecível obra cheia de merecimentos.

Falar dêle é sempre reviver, não só para nós, mas para os intellectuais de todo o mundo, um motivo de legítimo orgulho da sciência cosmográfica.

Quando um homem pelo seu valor ou por seus talentos, tem feito brilhantes serviços ao seu país, êle adquire justa celebridade e o seu nome é respeitado pelos seus compatriotas; mas se êsse homem tem consagrado a sua vida ao serviço de seus semelhantes, se pelo seu génio adquiriu fazer uma dessas obras que estendem os limites da intelligência humana, ou enfim se poudo fazer um serviço útil a todos os países; então o seu nome e a sua glória não pertencem sòmente à sua pátria, êles são do mundo inteiro, e o mundo inteiro lhe deve gratidão. E assim é, porque o Mapa-mundi de Fernam Vaz Dourado, constitui um tratado completo da sciência de Geografia.

O estudo da Geografia não é um simples deleite. É da mais imprescindível necessidade para o desempenho de qualquer profissão que adoptemos, ainda mesmo não sendo liberais. Daí a necessidade de saber o que é e o que vale o território pátrio de Aquém e de Além-mar.

Dever imperioso, que a geografia nos habilita a satisfazer.

A pátria é a casa em ponto grande. ¿Como dirigiria bem o seu domicílio quem lhe desconhecesse os compartimentos? ¿Como nas dúvidas que se suscitam freqüentemente com os vizinhos discriminar o nosso do domínio alheio? Eis portanto demonstrada a necessidade desta sciência, para todo o cidadão, seja qual fôr a sua categoria.

É precisamente por isso que, no ano de 1412, o fundador da célebre escola de Astronomia, Cosmografia e Náutica, estabelecida na Praça de Sagres, o sábio e imortal Infante Dom Henrique, um dos homens mais notáveis do fim da idade média, reconhecendo que as cartas geográficas, então em uso não satisfaziam ao que a necessidade requeria, não só pelas grandes dificuldades dos cálculos para a maior

parte dos pilotos, inventou as cartas de marear chamadas *planas* de graus iguais e meridianos paralelos, as quais serviram de primeiro passo para as cartas *reduzidas* tais como hoje se empregam.

Nestes tempos gloriosos, sem dúvida, em que se procurava o cultivo da Geografia, foram descobertas as costas ocidental e oriental da África, o Industão, e as regiões transgângéticas até à Austrália, o Brasil e a terra do Labrador: assim como a África central e meridional de Luanda e Moçambique incluindo as tão discutidas regiões dos Lagos, que tanta celebridade têm dado a modernos viajantes de outros países, quando já eram conhecidas e exploradas pelos audazes portugueses dos séculos xv, xvi e xvii, como se constata mais uma vez e pormenorizadamente do seguinte facto importante, cuja apreciação não podemos deixar de ter presente neste momentoso assunto por ser bastante instrutivo o seu arrazoado. Refere a história, que entre os jesuítas portugueses, que com tanta dedicação e zêlo missionaram no vale do Zambeze, e se esforçaram por abrir as portas do futuro escrevendo páginas de ouro no Livro da humanidade, é célebre o nome do Padre Luís Mariano, pela precisa descrição e notícia que nos dá das terras dos povos Maraves ao nordeste de Tete, na sua carta de 1624, em que fala do lago Hemozura ou Marave, que evidentemente é o Niassa, e do Chiriu, que é o Chire, por onde se vê, que mais de duzentos anos antes do Dr. Livingstone, os portugueses tinham percorrido essas regiões, navegando os seus rios, e explorando os seus lagos. «Este lago (Niassa) é muito povoado e nós (os portugueses) fazemos grande tráfico com os habitantes» são palavras do Padre Mariano. Não quer isto dizer, nem tal se deve imaginar, que o desejo de reconhecer o rio Nilo e as suas nascentes, não tivesse desde os tempos remotos despertado a curiosidade de outros povos de antiguidade.

E assim, o período mais remoto em que começou a ser conhecida a África foi aquele quando no século quinto antes da era vulgar, Heródoto, o primeiro dos grandes viajantes africanos, escreveu o seguinte, acêrca do Nilo e das suas nascentes: «Pelo que respeita à natureza dêste rio, não pude obter a mínima informação, nem dos padres, nem de quaisquer outras pessoas. Entretanto estava deveras desejoso de saber a razão porque o Nilo, a começar no solstício do verão engrossa e trasborda durante próximamente cem dias; e terminado êsse período diminui o volume das águas e entra no seu leito ordinário, onde continua durante todo o inverno, até voltar de novo aquele solstício».

Segundo a tradição, também Moisés chegou até ao interior da Etiópia oriental, em companhia de Merr, sua mãe e ama, e fundou ali uma cidade à que em sua honra deu o nome de Meroé, que depois passou ao domínio dos Persas e dêstes ao jugo dos Romanos. Nero logo no comêço do seu reinado mandou uma notável expedição com gente armada sob o comando de dois centuriões a explorar as nascentes do Nilo.

Plínio Strabão e outros autores romanos, igualmente se ocuparam desta parte da África.

Edrisi, natural da Núbia, mas que escreveu no Egipto pelos anos de 1400 da nossa era, diz que naquela parte da Etiópia e ao sul e ao sudoeste da Núbia começa a ver-se o Nilo, e a sua separação em dois braços.

Segundo Scheadedin o Nilo egípcio tem as suas nascentes nas montanhas da Lua, e fazendo vários lagos e ilhas corta com as suas correntes o Egipto e por Alexandria descarrega as suas copiosas águas no Mediterrâneo.

Na época da conquista árabe Amrou, referindo-se ao Nilo, escrevia ao califa Omar o seguinte: «Rio bemdicto, cujas aguas crescem e abaixam num curso tão regular como o do sol e o da lua. Quando as suas águas deixam de ser neces-

sárias á fecundidade do solo o rio docil, entra nos limites, que o destino lhe prescreveu para deixar colher o tesouro que oculta no seio da terra».

Após estas informações, pela ordem cronológica ocupam o primacial lugar que lhes compete, pela sua antiguidade as explorações portuguesas, pois em 1487 de mandado de El-Rei D. João II, se realizou a viagem de João Peres da Covilhã e Afonso de Paiva à Índia e Abissínia por terra, tendo o Paiva pela muita afeição que lhe tomara o Imperador, ficado na Abissínia — onde deixou muitos vestígios de Portugal, na Religião e na Língua.

Não fique sem honrosa menção, que o grande Albuquerque, que tudo sabia conceber e ousar, pôs em conselho de, perfurando umas serras da Núbia mudar ao Nilo as correntes, para alargar o Egipto, com o fim de tapar aos árabes e aos venezianos os dois caminhos da Ásia, quasi desertos já: o do Eufrates, pelo golfo pérsico, tomando Ormuz; o do Egipto pelo Mar Vermelho, tomando Socotorá.

E, se tivesse executado êste seu arrojado projecto, porventura o mundo teria visto com admiração três séculos antes, a grandiosa obra de Fernando de Lesseps.

Mais tarde, em 1546, escrevia El-Rei D. João III ao Imperador de Abissínia, e aos portugueses que lá andavam, recomendando-lhes o descobrimento de algum caminho pelo interior para a costa de Melinde, e também do Abexi para a costa ocidental da África por terra.

E, essa gloriosa cruzada continuou nos séculos seguintes até aos nossos dias, esmaltada pelas arrojadas travessias de Francisco Barreto, de Padre Monclaros, de Gaspar Bocarro, de mártir Padre Dom Gonçalo da Silveira, de Doutor Lacerda, de Padre António Carneiro, de Silva Porto, de José de Anchieta, de Serpa Pinto, de Capelo e Ivens, de Vítor Cordon, de António Maria Cardoso, de Roma Machado, e de tantos outros que formam a pléiade de fulgurantes estrêlas da pá-

tria portuguesa, e finalmente pela magestosa cúpula da triangulação de África posta com alta capacidade científica pelo sábio Almirante Gago Coutinho, constituindo tudo isto, a mais categórica afirmação de reconhecida competência, coragem e tenacidade do ancestral génio português.

E não fique sem o devido registo, que entre os descobrimentos geográficos das nações europeias, Portugal ocupa o primacial lugar, pois por um cálculo aproximativo, podem avaliar-se os descobrimentos feitos pelos navegantes de diversas nações, como se segue: — Os portugueses têm descoberto 15 a 16 mil léguas de costas; os espanhóis de 7 a 8 mil; os ingleses de 5 a 6 mil; e as mais nações de 2 a 3 mil.

Antes de entrar porém na apreciação do Mappa-mundi de Fernam Vaz Dourado, pede a oportunidade, e manda a justiça, que eu registe aqui dois depoimentos de alto alcance patriótico, e porventura inéditos, que vêm não só enaltecer a inconfundível personalidade do célebre cosmógrafo, e intrépido guerreiro aliada a do insigne explorador, mas ainda tributar o devido preito à benemérita e científica acção dos exploradores portugueses, e que se baseiam nos valiosos e insuspeitos testemunhos de Sir Richard Francis Burton, o qual conjugando os seus superiores conhecimentos científicos, com a indefectível probidade histórica de um verdadeiro *Right Man*, dando o seu ao seu dono, diz no seu livro *Gorila Land*: «Que a meado do século xvi, Fernam Vaz Dourado, o célebre cartógrafo português natural de Gôa, descobriu o território junto ao rio Gabão, denominando-o rio Fernam Vaz, perto do Lago Alberto Nyanza; e que em todos os locais em que elle Burton, Speke, Levingstone, Baker e Stanley estiveram, primeiro tinham estado os portugueses.

E no outro, *A bacia do Nilo*, diz o seguinte: «Dos árabes passamos aos nossos tempos. Os primeiros descobri-

dores portugueses, obtiveram grande cópia de informações geográficas acêrca do interior de África, e com especialidade no que respeita aos dois lagos situados próximo ao equador, de um dos quais, o mais setentrional, estava estabelecido que saía o Nilo. Destas informações se utilisaram largamente o geógrafo francês D'Anville, e os geógrafos holandeses contemporâneos.

Estes autorizados depoimentos de um dos conscienciosos e eruditos exploradores ingleses, que pela incumbência da Real Sociedade de Geografia de Londres, em 1856, procedeu a exploração da interessante região lacustre do interior de África, vêm estabelecer insofismavelmente, o que precisava de ser estabelecido, determinar e persuadir o que carecia de ser determinado e persuadido, afastando assim e por completo, não só a extranha e mofina idea de disputar ao audaz génio português a sua civilizadora primazia na exploração científica da África; mas ainda respondendo categórica e magistralmente ao geógrafo Wauters, que no seu livro *L'Afrique Central en 1522*, depois de deprimir o valor da obra africana de Portugal, permitiu-se formular e desdenhosamente a seguinte pergunta: «¿Era então possível a um português dessa época ir passear na margem de Bangueolo, do Tanganika ou do Niassa?»

Não esqueçamos também de recordar com gratidão, o alto patriotismo com que o grande português 2.º Visconde de Santarém na memorável sessão do Instituto de França desfazendo tôda a obra de Humboldt, que nos era retintamente adversa, estabeleceu documentadamente a prioridade das descobertas e explorações portuguesas a ponto de todos os membros do Instituto, de pé e em volta do Visconde de Santarém com uma ovação ruïdosa, fazerem calar o célebre d'Avezac representante do govêrno francês e defensor da tese de Humboldt, consagrando assim a victória ao sábio Visconde.

Aqueles que ainda hoje pretendem amesquinhar a civilizadora acção portuguesa em África, sabem; mas fingem ignorar, que a Nação Portuguesa não é de ontem, e que os detractores actuais não são mais poderosos que os antigos; o que se argumenta hoje, foi dito ontem, e a-pesar-disso, a grande obra colonial portuguesa prevalece, conquistando palmo a palmo o ascendente. A constância na luta gera a vitória fazendo calar os detractores que assombrados pela fôrça de argumentação baqueiam diante da Verdade.

Postos estes princípios, fechadas assim as portas a futuros reparos; vou descrever em uma miniatura a grande obra do célebre cosmógrafo Fernam Vaz Dourado, que sendo tão sobejamente conhecido, seria sôbre inútil ofensivo da sua glória científica dar aqui mais ampla notícia do seu mérito, porque a revisão de nossos valores intellectuais dos séculos passados, deve provocar da nossa parte uma protestação admirativa, pois o interêsse principal das grandes obras científicas reside sôbre tudo na beleza da forma e do pensamento, e como tais sempre são vivos e sempre actuais.

É esta a razão profunda de atracção, que essas obras exercem sôbre as gerações sucessivas.

É extenso o catálogo de excepcionais referências feitas a êsse extraordinário homem por nacionais e estrangeiros; minuciosa deveria ser também a descrição dos documentos que o constituem; porque são êles a sua biografia; tanto mais que tudo quanto resta dêle é relíquia rara, a que as nações cultas prestam homenagem. Mas como o tempo urge, e todavia para se avaliar bem o alto alcance e ainda a valia dessa obra prima, igual sômente a si mesma, faz-se preciso conhecer de perto e possivelmente, a notável personalidade do autor que a produziu, vou reportar-me às duradouras páginas da História, e dizer, embora em breves palavras e fugidios traços o que ali se encontra registado, com relação ao célebre cosmógrafo.

Assim pois está constatado que o célebre cartógrafo português Fernam Vaz Dourado, natural de Gôa, era muito versado em geografia e que fez um magnífico Atlas, constando de táboas náuticas, de regras e princípios de hidrografia e de mapas de todo o mundo, primorosamente iluminados a côres e a ouro, que êste Atlas estava na posse do mosteiro dos monges da Cartuxa de *Scala Coeli*, da cidade de Évora, ao qual lhe fôra doado pelo Arcebispo de Évora Dom Teotónio de Bragança, tendo na primitiva pertencido ao cardeal rei Dom Henrique.

Tôdas as descobertas são marcadas com os nomes dados pelos descobridores. — Os estabelecimentos portugueses e castelhanos são respectivamente marcados com as bandeiras iluminadas de Portugal e Castela. O país ao sul da boca do rio São Lourenço, na América setentrional vem notado *Terra dos Cortereaes*. A terra do Labrador, vê-se traçada até perto de 70 graus, e os cabos indicados, com os nomes castelhanos e portugueses, sendo português o nome do cabo o mais setentrional — a saber Cabo Branco.

No lugar ocupado pela costa setentrional da Austrália ou Nova Holanda cuja descoberta os holandeses do século xvii, atribuem a si, vê-se desenhada uma muito extensa costa com grande número de promontórios todos nomeados. Sôbre esta carta vê-se o pavilhão de Castela e abaixo dêle lê-se o seguinte: «Esta costa foi descoberta por Fernam de Magalhães, natural portuguez por mandado do Imperador Carlos no ano de 1523», isto é, cem anos antes dos holandeses a verem. No mesmo Atlas se acham mais descobertas portuguesas, cuja glória outras nações usurparam.

Êste Atlas, obra demonstradamente autêntica de Fernam Vaz Dourado, e porventura o primeiro exemplar que de Goa veio a Portugal, e que se conserva hoje, como joia de inestimável valor, no cofre do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, sob a mais inteligente e cuidada guarda do erudito

Dr. António Baião, ilustre Director dêsse Arquivo, compõe-se actualmente de dezoito cartas marítimas, e ricamente iluminadas. Na parte de dentro da encadernação em meia fôlha de papel manuscrita, lê-se o seguinte: «Mappa-mundo, que fez Fernam Vaz Dourado, fronteiro nestas partes, que trata de todos os reinos, terras, ilhas, que ha nas redondezas da terra, com suas derrotas e alturas por esquadrias. — Em Goa 1571.

«Em volta do frontispício lia-se em latim e em forma de um paralelogramo: *Universalis, et integra totius orbis Hydrographia ad verissimam Lusitanorum traditionem descriptio — Fernam Vaz Dourado cosmographo auctore in civitate Goa ano 1571.*

«Era dividido o frontispício em duas partes, tendo à esquerda as armas dos Costas, e do lado direito um *Ecce Homo* e as armas da Índia.

«N. B. Acêrca da falta do frontispício e de um dos mapas veja-se a portaria de 10 de Outubro de 1851».

As cartas medem $0^m,501 \times 0^m,379$ cada uma.

E, tão singular é o valor dêsse precioso Atlas, que o erudito Almirante Ernesto de Vasconcelos, Ilustre Secretário Perpétuo desta Sociedade, no catálogo geral da exposição de Cartografia Nacional, publicado sob a sua superior direcção em 1903, se refere a êsse Atlas, com aquela competência que tanto o distingue e com tôda a sua magistral autoridade de notável cartógrafo, confirmando assim a alta reputação dêsse trabalho científico.

Na verdade êste Atlas pela sua riqueza e raridade é uma maravilha, onde a par do imenso cabedal de sciência cosmográfica, admira-se o brilho da arte, e as finíssimas tintas indianas — Mezzotint — das quais nos séculos XVI, XVII e XVIII, usaram também os célebres gravadores principalmente ingleses em estampas pontuadas e coloridas, hoje muito raras, e por isso mesmo vendidas por preços fabulosos.

Depois de estar absolutamente assegurada a alta capacidade científica de Fernam Vaz Dourado, seja qual for a faceta que se encare da sua inconfundível personalidade, — e não constando, que êle tivesse estado em Portugal, ou em qualquer outro país da Europa, nem tão pouco, que nesse tempo houvesse em Goa escola pública de cosmografia sustentada pelo estado, ocorre naturalmente formular a seguinte pergunta: ¿onde teria êle adquirido êsses conhecimentos científicos, e com a técnica de um mestre, exarado no seu precioso Atlas, que a civilização, através dos séculos tanto admira?

Conhecida como é a história de Goa — a Oriental Lisboa — fundada por Albuquerque o grande, não será admissível, a hipótese de que, porventura Fernam Vaz Dourado, tivesse adquirido êsse pecúlio científico no famoso colégio dos Jesuítas na Velha Cidade de Goa, e que se chamou Colégio de S. Paulo, ou Seminário de Santa Fé, e contava no seu corpo docente como registam as crónicas — ¿teólogos, canonistas, filósofos, retóricos, matemáticos, naturalistas, clássicos, astrónomos, médicos, pintores, cosmógrafos, tribunos e mestres que sabiam leccionar tôda a sorte de disciplinas superiores?

Eis o que me não julgo habilitado a afirmar. E todavia parece, que porventura assim seria devido aos altos créditos científicos, que gozava êsse colégio, pois não só os nacionais, mas todos os grandes viajantes estrangeiros, como Linschoten, Pyrard, Buchanan, Contineau e muitos outros, quando nos séculos XVI e XVII, visitaram em Goa êste colégio tão afamado na história, e tão admirado pelos vários ramos do saber humano, que ali se professavam; deixaram dito: «que êsse colégio havia adquirido o direito de se chamar Universidade ou antes a Sorbone do Oriente».

E, Padre Francisco de Sousa, no Oriente Conquistado, escreve que o referido colégio: «se podia comparar com todos os collegios da Europa, não se podendo muitos comparar

com ele» conceito, que foi, com tôda a autoridade, completado por Diogo do Couto, o primeiro e último guarda-mór da Tôrre do Tombo, na Índia, com as seguintes palavras: «foi um dos collegios, que os padres da Companhia tiveram pelo mundo dos principaes».

E, de facto o era e por isso o colégio dos Jesuítas, que foram homens de grande valor e talento, prestou valiosos serviços em Goa, grangeando preclara fama, pelo que nêle se educaram os filhos das principais famílias, que se notabilizaram nas sciências e na literatura.

Estes valiosos testemunhos depõem a favor da hipótese supra tornando-a possivelmente aceitável. E, se lhe juntarmos a ponderosa circunstância de as pinturas e desenhos que se vêem na fôlha do frontispício do Atlas, indicarem pela feição religiosa, a sua procedência, e ainda mais o facto de ter sido editado, como dizem os autores, na primeira Imprensa que no ano de 1557, foi nesse colégio em Goa, introduzida pelos Jesuítas, com perfectibilidade gráfica, e da qual saíram também muitas obras de incontestável mérito, tais como o Catecismo da Doutrina Cristã, composto por S. Francisco Xavier, e os Colóquios dos simples e drogas e coisas medicinaes da Índia do Dr. Garcia da Orta, onde vem logo depois da dedicatória do autor, uma poesia, dedicada por Luís de Camões ao Vice-Rei D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, e que no dizer do erudito bibliófilo Ismael Gracías é a primeira poesia impressa, antes de todos os inspirados versos do príncipe dos poetas portuguezes, parece plausivelmente podermos concluir, que Fernam Vaz Dourado, estudara a cosmografia, no já referido colégio de S. Paulo em Goa.

Seja como fôr, o que exuberantemente ficou demonstrado, é que o Atlas de Fernam Vaz Dourado, que se encontra cuidadosamente guardado no Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo, é uma joia de subido valor scientifico, artístico e

estimativo, fazendo lembrar, a forma como desde a mais remota antiguidade, eram estimados e religiosamente guardados, como se foram o maior tesouro, os exemplares das obras primas.

Assim pois regista a história, e não será fora de propósito tomarmos conhecimento instrutivo, de que Alexandre Magno conservava em uma carteira engastada de diamantes um exemplar da *Iliada* de Homero.

E, quando foi da descoberta do manuscrito das *Pandectas* ou do *Código*, esta vasta compilação de leis romanas, que inspirou a maior parte da legislação moderna, foi por muito tempo chamado *Pandectas florentinas*. O manuscrito original tinha sido descoberto no ano de 1150, no saque de Amaphi, e o imperador Clotário fez dêle presente à cidade de Pisa, foi o manuscrito transportado para Florença, e depois de encadernado e coberto de uma capa côr de púrpura, guarnecida de cravos, e broches de prata, com capas do mesmo metal em todos os cantos, e diversos outros ornatos segundo o gosto do tempo, foi depositado no palácio da república, em um gabinete magnificamente adornado. Confiou-se a sua guarda aos religiosos de S. Bernardo, que não o deixavam ver senão em certos dias do ano, como se fôra uma relíquia sagrada: o primeiro magistrado da cidade assistia a esta cerimónia com a cabeça descoberta, assim como os religiosos, que o rodeavam respeitosamente, tendo todos na mão círios acesos.

E segundo afirma o Reverendo Dr. Dibdin, bibliotecário do Conde de Spencer, — que um exemplar da Bíblia que Guttenberg deixou em testamento a uma religiosa sua irmã, é não só a primeira edição do Sagrado Livro, mas ainda a primeira obra publicada em tipo de metal, que se conserva em um cofre de cristal lapidado, dourado a fogo, no museu de Gran-Bretanha.

Estabelecido como ficou, e sòlidamente, o crédito do Atlas de Fernam Vaz Dourado, não será decerto, menos in-

interessante, conhecer e apreciar paralelamente o seu valor estimativo, não sòmente pela minuciosa descrição dos descobrimentos que a Portugal opulentaram de inextinguível glória; mas ainda por significar a consagração das maiores glórias pátrias, e como tal os grandes museus da Europa e das Américas pagariam por largas somas tanto mais que os conhecedores das obras primas sabem fixar escrupulosamente a respectiva valia com o rigor e análise de quem peza os diamantes e depois os classifica para poderem ter um preço corrente no mercado.

Para não fatigar mais o selecto e ilustrado auditório, que faz o favor e a honra de me ouvir, narrarei apenas um dos factos ocorridos em nossos dias, e que dará uma aproximada idea de quanto valem hoje as obras dos célebres autores.

Quando em Abril de 1923, foi solenemente comemorado em Inglaterra o terceiro centenário da primeira impressão das obras de Shakespeare, na catedral de Southwork realisou-se uma imponente cerimónia, depois da qual foram visitados vários lugares associados à memória do grande poeta. O número mais interessante das solenidades comemorativas, foi a representação de algumas peças do glorioso dramaturgo no pátio da antiga hospedaria «Old George». Este centenário Shakesperiano foi ainda celebrado noutras igrejas, entre as quais a de Naintmory, em Aldernanbury, em cuja paróquia John Henning e Henry Condel, companheiros de Shakespeare como autor e editores da sua primeira obra, foram tesoureiros da igreja em 1623.

A exposição das obras de Shakespeare, realizou-se no «HALL» da Companhia dos Tipógrafos e Papeleiros, em cujos antigos registos estão inscritos nomes célebres, como o de Isaac Jaggar, filho, o primeiro que intentou a publicação daquelas obras, e de Eduardo Blount.

De 500 exemplares publicados sabe-se o destino de 200

dos quais apenas 20 estão perfeitos. — O preço primitivo de cada exemplar era de uma libra; mas agora um exemplar bem conservado, avalia-se em 10:000 libras.

Por êste pano de amostra, pode-se aquilatar o valor das obras antigas e raras — e, se as cópias ou reproduções bem feitas do Atlas de Fernam Vaz Dourado, guardadas como preciosidades nas bibliotecas das Universidades da Europa e da América, valem hoje quantias fabulosas, quantos milhares de libras não valerá o autêntico exemplar dêsse Atlas, que só por si vale uma riqueza, e se guarda no Arquivo Nacional da Tôrre do Tombo?

Não sei nem posso precisar, o quantitativo. O que porém sei e o que posso assegurar é, que o famigerado Atlas de Fernam Vaz Dourado, simbolizando por tantos e tão honrosos títulos um monumento científico da autêntica cosmografia portuguesa, não pode, nem deve ter outro preço que não seja o valor intrínseco do nosso respeito e da nossa perene admiração.

E, depois disto, é-me sobremaneira grato afirmar, que não esquecendo um só momento, que a melhor forma de servir o país era demonstrar como demonstrei no seio dêste grémio científico e com argumentação deductiva, que aos arrojados feitos portugueses, que segundo a frase do eminente Pedro Nunes «*não se fizeram indo a acertar*», presidiaram sempre os preciosos dons de observação científica, conjugada com o judicioso critério, e pretinaz insistência na realização do ideal sagrado de resolver problemas, que antes dêles outras nações não tinham sabido e consequentemente não tinham podido resolver.

Procurei assim restabelecer o império da justiça e da verdade, arredando de vez a injustiça e a falsidade, com que de ora em quando são olhados e criticados os grandes serviços que a Nação Portuguesa prestou às sciências e ao comércio do mundo, pois como é sabido — espíritos ambicio-

sos e não menos ingratos têm querido disputar-nos essa glória; mas na tranquillidade da sua consciência, nos preciosos momentos, em que esta se acha fora do domínio das paixões; êles escutarão a voz da verdade e o imparcial *veredictum* da história, que sempre reivindicará para Portugal a sua legítima glória.

Para quem estuda os fastos da história portuguesa, não é possível resistir ao sentimento da mais sincera admiração pela forma singular com que Portugal, cumprindo a sua missão, traduziu em factos portentosos sem precedentes e sem equivalentes, na história, uma obra estupenda, — podendo por isso concluir logicamente e apontar, como gemas sobre tôdas valiosas para as suas obras e para os seus serviços em prol da humanidade, e dizer aos seus detractores: «Ahi tendes os meus padrões de gloria e benemerencia: ahi tendes os meus titulos inauferiveis à vossa gratidão: as minhas obras dão testemunho de mim: se recusais credito á Historia, á Tradição e á Razão, crede ao menos na evidencia dos factos».

Lisboa, 22 de Maio, de 1928.

MONSENHOR GUSTAVO COUTO.